

MAURICE LEBLANC

ARSÈNE LUPIN
CAVALHEIRO LADRÃO

Tradução de Ivan Figueiras

A detenção de Arsène Lupin

Que estranha viagem! No entanto, tinha começado tão bem! Eu, pelo menos, nunca tinha feito nenhuma que promettesse ser tão auspiciosa. O *Provence* é um transatlântico rápido, confortável, comandado pelo mais afável dos homens. A sociedade mais seleta encontrava-se ali reunida. Estabeleciam-se relações, organizavam-se divertimentos. Tínhamos aquela sensação deliciosa de estarmos separados do mundo, entregues a nós mesmos como numa ilha desconhecida, obrigados, por conseguinte, a tornarmo-nos próximos uns dos outros.

E era o que fazíamos...

Já alguma vez pensou no que há de original e de imprevisto neste agrupamento de seres que, ainda na véspera, não se conheciam e que, durante alguns dias, entre o céu infinito e o mar imenso, vão levar a vida mais íntima possível e desafiar juntos a cólera do oceano, a investida aterradora das ondas e a calma dissimulada das águas adormecidas?

É, no fundo, a própria vida vivida numa espécie de resumo trágico, com as suas tempestades e as suas grandezas, a sua monotonia e a sua diversidade, e talvez seja precisamente por isso que saboreemos com uma pressa febril e uma voluptuosidade tão mais intensa esta curta viagem, cujo fim entrevemos a partir do momento em que ela começa.

Mas, desde há vários anos, passa-se qualquer coisa que aumenta singularmente as emoções da travessia. A pequena ilha flutuante continua a depender do mundo de que nos julgávamos emancipados.

Subsiste um laço que se desfaz aos poucos em pleno oceano e que, em pleno oceano, aos poucos se refaz. O telégrafo sem fios! Chamadas de um outro universo de onde recebêssemos notícias da forma mais misteriosa possível! A imaginação já não tem como evocar fios de ferro no interior dos quais desliza a mensagem. O mistério é ainda mais insondável, mais poético também, e é às asas do vento que é preciso recorrer para explicar este novo milagre.

Assim, nas primeiras horas, sentimo-nos seguidos, escoltados, precedidos até por essa voz distante que, de tempos a tempos, sussurrava a um de nós algumas palavras. Dois amigos falaram comigo. Outros dez, outros vinte enviaram-nos a todos, através do espaço, as suas despedidas entristecidas ou sorridentes.

Ora, no segundo dia, a oitocentos quilómetros da costa francesa, numa tarde tempestuosa, o telégrafo sem fios transmitiu-nos o telegrama seguinte:

Arsène Lupin a bordo, primeira classe, cabelo louro, ferida no antebraço direito, viaja sozinho, sob o nome de R...

Nesse preciso instante, um violento trovão rebentou no céu sombrio. As ondas elétricas foram interrompidas. O resto do telegrama não chegou. Do nome sob o qual Arsène Lupin se escondia, ficámos apenas a saber a inicial.

Se se tratasse de uma notícia completamente diferente, não tenho qualquer dúvida de que o segredo teria sido escrupulosamente guardado pelos funcionários do posto telegráfico, bem como pelo comissário de bordo e pelo comandante. Mas há acontecimentos que parecem quebrar a discrição mais rigorosa. Naquele mesmo dia, sem que se pudesse dizer como é que se dera a fuga de informação, ficámos todos a saber que o famoso Arsène Lupin estava escondido entre nós.

Arsène Lupin entre nós! O ladrão impossível de apanhar, cujas proezas eram relatadas em todos os jornais havia meses! A enigmática figura com a qual o velho Ganimard, o nosso melhor polícia, travara o duelo até à morte, cujas peripécias se desenrolavam de forma tão pitoresca! Arsène Lupin, o *gentleman* imaginativo que

só opera em castelos e salões e que, certa noite, tendo penetrado na casa do barão Schormann, saíra de lá de mãos a abanar depois de ter deixado o seu cartão de visita decorado com a frase seguinte: «*Arsène Lupin, o cavalheiro ladrão, voltará quando os móveis forem verdadeiros.*» Arsène Lupin, o homem dos mil disfarces: umas vezes motorista, outras tenor, corretor de apostas, filho de boas famílias, adolescente, idoso, caixeiro-viajante marselhês, médico russo ou toureiro espanhol!

Repare-se bem nisto: Arsène Lupin a andar de um lado para o outro no espaço relativamente restrito de um transatlântico – mas o que é que eu estou a dizer? –, no pequeno recanto da primeira classe onde nos encontrávamos a todo o instante, na sala de jantar, no salão, na sala de fumo! Arsène Lupin talvez fosse este senhor... ou aquele... o meu vizinho de mesa... o meu companheiro de cabina...

– E isto vai durar mais cinco vezes vinte e quatro horas! – exclamou, no dia seguinte, Miss Nelly Underdown. – É inadmissível! Espero bem que o detenham.

E virando-se para mim:

– Então, senhor d'Andrézy, você que já se dá tão bem com o comandante, não sabe de nada?

Teria realmente gostado de saber alguma coisa para agradar a Miss Nelly! Era uma daquelas criaturas magníficas que, onde quer que estejam, ocupam imediatamente o lugar mais destacado. Tanto a sua beleza quanto a sua fortuna deslumbram. Têm uma corte de admiradores fervorosos e entusiastas.

Criada em Paris por uma mãe francesa, ia ter com o pai, o riquíssimo Underdown, de Chicago. Uma das suas amigas, Lady Jerland, acompanhava-a.

Eu tinha apresentado a minha candidatura de *flirt* logo na primeira hora. Mas, na rápida intimidade da viagem, o charme dela perturbou-me de imediato, e sentia-me um pouco emocionado de mais para o *flirt* quando os seus grandes olhos negros se cruzavam com os meus. Contudo, ela recebia os meus galanteios com um certo favor. Dignava-se a rir dos meus comentários espirituosos e anedotas. Parecia responder com uma vaga simpatia à solicitude que eu lhe demonstrava.

Talvez só um rival me tenha preocupado, um rapaz bastante bonito, elegante, reservado, cujo humor taciturno ela parecia por vezes preferir à minha maneira de ser mais extrovertida de parisiense.

Ele fazia justamente parte do grupo de admiradores que rodeava Miss Nelly quando ela me interrogou. Estávamos no convés, agradavelmente instalados em cadeiras de baloiço. A tempestade da véspera limpou o céu. O tempo estava delicioso.

– Não sei nada de concreto, menina – respondi –, mas será impossível conduzirmos nós próprios a nossa investigação tão bem como o faria o velho Ganimard, o inimigo pessoal do Arsène Lupin?

– Oh, oh, está a ir longe de mais!

– Então porquê? O problema é assim tão complicado?

– Muito complicado.

– Está a esquecer-se dos elementos que temos para o resolver.

– Que elementos?

– Primeiro: o Lupin está a usar o nome senhor R...

– Informação um pouco vaga.

– Segundo: viaja sozinho.

– Se essa particularidade é suficiente para si!

– Terceiro: é louro.

– E então?

– Então, só precisamos de consultar a lista dos passageiros e ir por exclusão de partes.

Eu tinha a lista no bolso. Tirei-a e percorri-a.

– Para começar, noto que só há treze pessoas cuja inicial chama a nossa atenção.

– Só treze?

– Na primeira classe, sim. Desses treze senhores R..., como podem verificar, nove estão acompanhados das mulheres, dos filhos ou dos criados. Restam quatro pessoas sozinhas: o marquês de Raverdan...

– Secretário de embaixada – interrompeu Miss Nelly –, eu conheço-o.

– O major Rawson...

– É o meu tio – disse alguém.

– O senhor Rivolta...

– Presente – exclamou um de nós, um italiano cujo rosto desaparecia debaixo de uma barba do mais belo negro.

Miss Nelly desatou a rir.

– O senhor não é exatamente louro.

– Assim sendo – continuei eu –, somos obrigados a concluir que o criminoso é o último da lista.

– Ou seja?

– Ou seja, o senhor Rozaine. Alguém conhece o senhor Rozaine?

Fez-se silêncio. Mas Miss Nelly, interpelando o jovem taciturno cuja assiduidade ao seu lado me atormentava, disse-lhe:

– Então, senhor Rozaine, não responde?

Todos viraram os olhos para ele. Era louro.

Confesso que, lá no fundo, senti como que um pequeno choque. E o silêncio desconfortável que nos oprimiu mostrou-me que os outros presentes também estavam a experimentar o mesmo tipo de sufoco. De resto, era absurdo, porque nada na aparência daquele senhor permitia que suspeitássemos dele.

– Porque é que não respondo? – disse ele. – Ora, porque tendo em conta o meu nome, a minha qualidade de viajante solitário e a cor do meu cabelo, já levei a cabo uma investigação análoga e cheguei à mesma conclusão. Portanto, acho que me devem deter.

Tinha um ar estranho ao pronunciar estas palavras. Os seus lábios finos como dois traços inflexíveis ficaram ainda mais finos e empalideceram. Linhas de sangue raiaram-lhe os olhos.

Estava decerto a brincar. No entanto, a sua fisionomia e a sua atitude impressionaram-nos. Ingenuamente, Miss Nelly perguntou:

– Mas não tem uma ferida?

– É verdade – respondeu ele –, falta a ferida.

Com um gesto nervoso, arregaçou a manga, deixando o braço a descoberto. Mas uma ideia veio-me logo à mente. Os meus olhos cruzaram-se com os de Miss Nelly: ele mostrara o braço esquerdo.

E juro que ia fazer esta observação sem rodeios, quando um incidente desviou a nossa atenção. Lady Jerland, amiga de Miss Nelly, chegou a correr.

Estava transtornada. Rodeámo-la preocupados, e só depois de muito esforço é que ela conseguiu balbuciar:

– As minhas joias, as minhas pérolas!... Levaram tudo!...

Não, não tinham levado tudo, como viemos a saber depois; era bem mais curioso: tinham escolhido!

Da estrela de diamantes, do pendente com cabochões de rubi, dos colares e das pulseiras partidos tinham sido levadas não as pedras maiores, mas as mais finas, as mais preciosas, as que, dir-se-ia, valiam mais e ocupavam menos espaço. Os engastes jaziam sobre a mesa. Vi-os, todos os vimos, despojados das suas joias como flores a que tivessem sido arrancadas as belas pétalas cintilantes e coloridas.

Para executar este trabalho teria sido necessário, durante a hora em que Lady Jerland tomava o chá, em plena luz do dia, num corredor frequentado, partir a porta da cabina, encontrar um pequeno saco intencionalmente escondido no fundo de uma caixa de chapéu, abri-lo e escolher!

Todos gritámos o mesmo. Todos os passageiros foram da mesma opinião quando se soube do roubo: foi Arsène Lupin. Tratava-se, com efeito, da sua maneira de proceder, complicada, misteriosa, inconcebível... e, todavia, lógica, uma vez que, se era difícil dissimular a massa volumosa que o conjunto das joias teria formado, era muito mais fácil fazê-lo com pequenas peças independentes umas das outras, pérolas, esmeraldas e safiras!

Ao jantar, passou-se o seguinte: os lugares à direita e à esquerda de Rozaine ficaram vazios. E, à noite, soube-se que ele fora convocado pelo comandante.

A detenção, que ninguém pôs em causa, gerou um verdadeiro alívio. Finalmente respirava-se. Nessa noite, divertimo-nos com pequenos jogos. Dançámos. Miss Nelly, sobretudo, mostrou uma alegria estonteante que me fez perceber que, se os galanteios de Rozaine lhe tinham agradado ao início, ela já não tinha qualquer memória deles. A sua graça acabou por me conquistar. Por volta da meia-noite, à claridade serena da lua, declarei-lhe a minha devoção com uma emoção que não pareceu desagradar-lhe.

Mas, no dia seguinte, para espanto geral, ficámos a saber que, como as provas reunidas contra ele não eram suficientes, Rozaine estava em liberdade.

Filho de um comerciante notável de Bordéus, tinha apresentado documentos perfeitamente em ordem. Além disso, não tinha o mínimo vestígio de uma ferida nos braços.

– Documentos! Certidões de nascimento! – exclamaram os inimigos de Rozaine. – O Arsène Lupin dá-vos quantos quiserem! Quando à ferida, é porque nunca a sofreu... ou apagou todos os vestígios dela!

Contrapunham-lhes que, à hora do roubo, Rozaine – como fora demonstrado – estava a passear no convés. Ao que eles respondiam:

– Acham que um homem do calibre do Arsène Lupin precisa de assistir ao roubo que comete?

E depois, à margem de quaisquer outras considerações, havia um ponto que os mais cétricos não podiam refutar. Quem é que, exceto Rozaine, viajava sozinho, era louro e tinha um nome começado por R? A quem se referia o telegrama, senão a Rozaine?

Quando Rozaine, alguns minutos antes do pequeno-almoço, se dirigiu audaciosamente para o nosso grupo, Miss Nelly e Lady Jerland levantaram-se e afastaram-se.

Fizeram-no decerto por medo.

Uma hora depois, uma circular manuscrita passou de mão em mão entre os empregados de bordo, os marinheiros e os passageiros de todas as classes: o Sr. Louis Rozaine prometia uma quantia de dez mil francos a quem desmascarasse Arsène Lupin, ou encontrasse a pessoa que tinha em sua posse as pedras roubadas.

– E se ninguém me ajudar contra esse bandido – declarou Rozaine ao comandante –, eu próprio trato dele.

Rozaine contra Arsène Lupin, ou melhor, segundo se dizia, o próprio Arsène Lupin contra Arsène Lupin. Ia ser uma luta interessante!

Prolongou-se por dois dias.

Rozaine foi visto a deambular de um lado para o outro a falar com o pessoal, a interrogar, a bisbilhotar. Vimos a sua sombra rondar à noite.

O comandante, por sua vez, desdobrou-se em esforços enérgicos. O *Provence* foi revistado de alto a baixo, em todos os recantos. Vasculharam todas as cabinas, sem exceção, sob o pretexto muito legítimo

de que os objetos estavam escondidos em qualquer lado, salvo na cabina do culpado.

– Vão acabar por descobrir alguma coisa, não vão? – perguntou-me Miss Nelly. – Por muito feiticeiro que ele seja, não pode fazer com que diamantes e pérolas se tornem invisíveis.

– Claro – respondi-lhe eu –, ou então será necessário examinar o forro dos nossos chapéus e casacos, e tudo o que trazemos connosco.

E, mostrando-lhe a minha *Kodak*, formato 9x12, com que eu não me cansava de a fotografar nas mais variadas poses, acrescentei:

– Não acha que, só numa máquina do tamanho desta, já dava para esconder todas as pedras preciosas de Lady Garland? Finge-se estar a tirar fotografias à paisagem e já está.

– Mas eu ouvir dizer que não há nenhum ladrão que não deixe um indício qualquer.

– Há um, o Arsène Lupin.

– Porquê?

– Porquê? Porque ele não pensa apenas no roubo que comete, mas em todas as circunstâncias que o podem denunciar.

– O senhor estava mais confiante ao início.

– Mas agora já o vi em ação.

– E então o que acha?

– Acho que é uma perda de tempo.

Com efeito, as investigações não davam qualquer resultado ou, pelo menos, o que davam não correspondia ao esforço geral: o relógio do comandante fora roubado.

Furioso, redobrou o zelo e começou a vigiar ainda de mais perto Rozaine, que interrogara várias vezes. No dia seguinte, encantadora ironia, o relógio foi encontrado no colarinho falso do segundo comandante.

Tudo isto tinha um ar de prodígio e denunciava bem o estilo humorístico de Arsène Lupin, ladrão, sim, mas também diletante. Ele trabalhava por gosto e por vocação, é certo, mas também para se divertir. Dava a impressão de alguém que se diverte com a peça que leva a palco e que, nos bastidores, se ri a bandeiras despregadas com os seus ditos espirituosos e as situações que imaginou.

Decididamente, era um artista no seu género e, quando eu observava Rozaine, taciturno e obstinado, e pensava no papel duplo que aquele curioso indivíduo desempenhava, não podia deixar de falar dele com uma certa admiração.

Ora, na penúltima noite, o oficial de quarto ouviu gemidos na parte mais escura do convés. Aproximou-se. Um homem estava deitado no chão, com a cabeça envolvida numa *écharpe* cinzenta muito grossa e os pulsos atados com um cordel fino.

Libertaram-lhe as mãos. Levantaram-no e cobriram-no de cuidados.

O homem era Rozaine.

Rozaine fora atacado durante uma das suas expedições, derrubado e despojado. Num cartão de visita, preso com um alfinete à sua roupa, estavam escritas as palavras seguintes:

Arsène Lupin aceita com gratidão os dez mil francos do Sr. Rozaine.

Na verdade, a carteira roubada continha vinte notas de mil.

Naturalmente, o infeliz foi acusado de ter simulado o ataque contra si mesmo. Contudo, além do facto de ser impossível que ele se tivesse atado daquela maneira, determinou-se que a caligrafia do cartão era totalmente diferente da de Rozaine, assemelhando-se antes à de Arsène Lupin, conforme era reproduzida num jornal antigo encontrado a bordo, ao ponto de ser quase indistinguível.

Portanto, Rozaine já não era Arsène Lupin. Rozaine era Rozaine, filho de um comerciante de Bordéus! E a presença de Arsène Lupin afirmava-se de uma vez, e com um ato tão temível!

O terror instalou-se. Já ninguém ousava ficar sozinho na sua cabina, nem se aventurar até lugares demasiado afastados. Juntávamo-nos prudentemente a pessoas em quem confiávamos. E, mesmo assim, uma desconfiança instintiva dividia os mais íntimos. É que a ameaça não provinha de um indivíduo isolado e, por isso mesmo, menos perigoso. Agora, Arsène Lupin era... era toda a gente. A nossa imaginação sobre-excitada atribuía-lhe um poder milagroso e ilimitado. Supúnhamo-lo capaz de assumir os disfarces mais inesperados,

de ser ora o respeitável major Rawson, ora o nobre marquês de Ra-verdan, ou até – porque já não nos ficávamos pela inicial incrimi-natória – tal ou tal pessoa conhecida de todos, com mulher, filhos, criados.

Os primeiros telegramas sem fios não transmitiram nenhuma novidade. Pelo menos, o comandante não nos comunicou nada, e um tal silêncio não nos reconfortava.

Assim, o último dia pareceu interminável. Vivíamos na expecta-tiva ansiosa de uma desgraça. Desta vez, já não seria um roubo nem uma simples agressão, seria um crime, um assassinio. Não aceitá-vamos que Arsène Lupin se limitasse àqueles dois furtos insignifi-cantes. Senhor absoluto do navio, com as autoridades reduzidas à impotência, bastava-lhe querer e tudo lhe era permitido, ele dispunha dos nossos bens e da nossa existência.

Confesso que foram horas deliciosas para mim, porque me valeram a confiança de Miss Nelly. Impressionada por tantos acontecimen-tos, com uma natureza já de si inquieta, procurou espontaneamente ao meu lado uma proteção, uma segurança que eu lhe oferecia com muito prazer.

No fundo, estava agradecido a Arsène Lupin. Não era ele que nos aproximava? Não era graças a ele que tinha o direito de me abandonar aos mais belos sonhos? Sonhos de amor e sonhos menos quiméricos, porque não confessá-lo? Os Andrézy são de uma boa família de Poitiers, mas o brasão está um pouco desdourado, e não me parece ser indigno de um fidalgo pretender recuperar o lustro perdido do seu nome.

Sentia que esses sonhos não ofuscavam Nelly de modo nenhum. Os seus olhos sorridentes autorizavam-me a sonhá-los. A doçura da sua voz dizia-me para ter esperança.

Até ao último momento, permanecemos um ao lado do outro, com os cotovelos apoiados na amurada, enquanto a linha da costa americana vogava ao nosso encontro.

As buscas tinham sido interrompidas. Estávamos à espera. Desde a primeira classe à entrecoberta, onde fervilhavam os emigrantes, esperava-se o derradeiro momento em que o enigma insolúvel seria

enfim explicado. Quem era Arsène Lupin? Sob que nome, sob que máscara se escondia o famoso Arsène Lupin?

Esse momento derradeiro chegou. Mesmo que eu vivesse cem anos, não me esqueceria do mais ínfimo pormenor.

– Está tão pálida, Miss Nelly – disse eu à minha companheira, que se apoiava no meu braço, muito fraca.

– E você! – retorquiu ela. – Oh! Está tão mudado!

– Imagine só! Este momento é apaixonante, e estou feliz por vivê-lo ao seu lado, Miss Nelly. Julgo que a sua memória se demorará por vezes...

Ela não ouvia, ofegante e febril. O passadiço desceu. Mas antes de sermos livres de o atravessar, algumas pessoas subiram a bordo: agentes alfandegários, homens em uniforme, carteiros.

Miss Nelly balbuciou:

– Se se apercebessem de que o Arsène Lupin tinha escapado durante a viagem, não ficaria surpreendida.

– Talvez tenha preferido a morte à desonra e mergulhou no Atlântico, para não ser detido.

– Não se ria – ripostou ela, irritada.

De repente, sobressaltei-me, e quando ela me perguntou o que se passava, disse-lhe:

– Está a ver ali aquele pequeno homem velho em pé, na extremidade do passadiço...

– Com um guarda-chuva e um redingote verde-azeitona?

– É o Ganimard.

– Ganimard?

– Sim, o famoso polícia, aquele que jurou que seria ele próprio a prender o Arsène Lupin. Ah! Agora compreendo porque é que não tivemos notícias deste lado do oceano. O Ganimard estava aqui. Ele não gosta que ninguém se intrometa nas coisas dele.

– Então é certo que o Arsène Lupin vai ser apanhado?

– Quem sabe? O Ganimard, ao que parece, só o viu maquilhado e disfarçado. A menos que ele conheça o seu nome falso...

– Oh! – disse ela, com a curiosidade um pouco cruel das mulheres. – Oxalá eu pudesse assistir à detenção!

Índice

1. A detenção de Arsène Lupin.....	7
2. Arsène Lupin na prisão.....	23
3. A fuga de Arsène Lupin	43
4. O viajante misterioso.....	65
5. O Colar da Rainha	81
6. O sete de copas	99
7. O cofre-forte da Sra. Imbert	135
8. A pérola negra	147
9. Herlock Sholmes chega demasiado tarde	163